

VACINAÇÃO

Cinco décadas do programa

Valorizado após a pandemia, PNI tem como desafios o resgate da importância da imunização e a conscientização

» ISABEL DOURADO*

Lançado em 18 de setembro de 1973, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) completa 50 anos e enfrenta vários desafios para recuperar o protagonismo dos anos 1980.

Essa política pública tornou o país pioneiro na incorporação de diversas vacinas e imunobiológicos no calendário do Sistema Único de Saúde (SUS), possibilitando aos brasileiros proteção contra doenças de alta mortalidade. Foi fundamental para a erradicação da varíola e para o controle de doenças como sarampo, rubéola, difteria, coqueluche e poliomielite, por exemplo.

Ao longo desse período, o programa passou por ajustes, adaptações e melhorias. Especialistas ouvindo pelo **Correio** reforçam que o PNI se tornou referência mundial, contudo, nos últimos anos, e especialmente no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), houve tentativas de enfraquecer essa política pública de saúde.

A gestão anterior ficou marcada pela negação da importância da vacinação como um instrumento de proteção da saúde, desinformação e ausência de campanhas publicitárias sobre a necessidade de tomar os imunizantes. Agora, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) terá vários desafios para recuperar o protagonismo do PNI, que ganhou uma grande repercussão em 1980 com a implementação dos Dias Nacionais de Vacinação como parte da estratégia de erradicação a poliomielite.

A doença vitimou milhares de pessoas, de 1950 até 1980, e passou a ser vista como um problema de saúde pública, tornando-se uma das mais estudadas durante a primeira metade do século XX. A eliminação da poliomielite demandou uma intensa mobilização de recursos institucionais, tecnológicos e sociais. Com a criação do SUS, em 1988, passou a vigorar uma política de vacinação mais sistemática. O último caso de poliomielite, conhecida como paralisia infantil, foi registrado no Brasil em 1989.

Na avaliação de Ethel Maciel, secretária de Vigilância em

Saúde e Ambiente do Ministério da Saúde, apesar de já existirem ações voltadas para a imunização desde o início do Século XX no Brasil, o PNI foi fundamental para sistematizar estratégias coordenadas para proteger os brasileiros contra as doenças que assolavam o país na época. "Nós tínhamos iniciativas de vacinação desde a primeira grande campanha, em 1904, quando começamos a lutar contra a varíola. Aconteceram várias ações de vacinação, mas elas eram pontuais e não coordenadas. A criação do Programa Nacional de Imunizações conseguiu congrega todas as ações de vacinação que antes eram isoladas, no primeiro programa, na primeira ideia do que hoje é o nosso PNI. Ainda tínhamos poucas vacinas, se a gente fizer uma comparação com o calendário vacinal de 1973 e o de agora, quando comemoramos os 50 anos do Programa, a diferença é enorme", ressalta.

Mônica Levi, presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm), ressalta que, com o estabelecimento do PNI, o Brasil conseguiu controlar e minimizar os surtos das doenças que circulavam com maior frequência no país. "O programa foi fundamental para estruturar as ações de imunizar no país e conseguir eliminar doenças, erradicar a varíola, eliminar várias outras doenças como poliomielite e sarampo, embora a gente tenha perdido o certificado de erradicação do sarampo. Mas tétano neonatal, rubéola, síndrome da rubéola congênita, febre amarela e outras doenças no Brasil conseguiram controlar através dessa estruturação do PNI. E conseguimos fazer as ações de uma maneira organizada, coordenada e planejada, porque anteriormente ao PNI, eram ações isoladas."

Calendário

Mais de 300 milhões de doses de vacinas, soros e imunoglobulinas são distribuídas anualmente pelo Programa Nacional de Imunizações. Em 1977, foi lançado o primeiro calendário de vacinação com apenas quatro vacinas para prevenir sete enfermidades em

Marcelo Ferreira/CB/DA Press



É o maior programa do mundo que oferta vacina gratuita, muitas das vacinas que nós ofertamos aqui são cobradas em outros países. Eu diria que é a política pública mais bem-sucedida que nós temos"

Ethel Maciel, secretária de Vigilância em Saúde e Ambiente

crianças de até um ano de idade: a BCG (contra formas graves de tuberculose), a Vacina Oral Poliomielite (VOP), a vacina tríplice bacteriana (DTP — contra difteria, tétano e coqueluche) e a vacina contra o sarampo.

A presidente do Sociedade Brasileira de Imunizações destaca que o aperfeiçoamento do Programa Nacional de Imunizações ao longo dos anos possibilitou o estabelecimento de um calendário de vacinas mais completo do mundo. "O calendário do PNI começou de uma maneira bem mais simples, era apenas para as crianças e começou a ser ampliado, se tornou um dos calendários mais completos do mundo, ofertando gratuitamente para a população e contemplando a vacina para outros grupos de faixas etárias de risco. Para grupos especiais de risco ou vulnerabilidade social, pessoas incompletadas e com outras comorbidades. Então o PNI foi

estendendo uma série de vacinas e imunoglobulinas e hoje a gente tem um dos calendários mais completos, ninguém fica de fora", explica.

Atualmente, o PNI oferece 48 imunobiológicos, entre vacinas, imunoglobulinas e soros, destinados para crianças, adolescentes, adultos e idosos. Há ainda os Centros de Referência para Imunobiológicos Especiais (Crie), voltados para pessoas imunodeprimidas que vivem com doenças crônicas (diabetes, cardiopatia, câncer) e têm um risco maior de contrair infecções ou sofrer complicações por enfermidades imunopreveníveis. Essas pessoas têm o direito de receber algumas vacinas que não são disponibilizadas nas Unidades Básicas de Saúde (UBS).

Para Ethel Maciel, o êxito do programa em um país de 214 milhões de habitantes reforça a garantia de acesso universal

e igualitário à saúde, direito fundamental estabelecido pela Constituição Federal Brasileira de 1988. A secretária de Vigilância em Saúde reforça que o PNI é a política pública mais bem-sucedida porque alcança todos os brasileiros de forma efetiva.

"Nosso PNI, ao longo desses 50 anos, foi incorporando e nós temos um sistema hoje muito bem sedimentado, muito bem consolidado de incorporação de novas vacinas. É o maior programa do mundo que oferta vacina gratuita, muitas das vacinas que nós ofertamos aqui são cobradas em outros países. Eu diria que é a política pública mais bem-sucedida que nós temos e aquela que leva efetivamente o direito à saúde, aquela que, eu diria, mais próximo está do texto da nossa Constituição que a saúde é um direito de todos."

***Estagiária sob a supervisão de Rosana Hessel**

Produção nacional é o ponto forte

O ponto forte do Programa Nacional de Imunizações (PNI) a produção nacional de vacinas, tarefa que exige a colaboração de outros institutos que atuam de acordo com a proposta. O Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos), uma unidade da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) que trabalha em pesquisa e desenvolvimento de vacinas voltadas para atender prioritariamente às demandas da saúde pública nacional, por exemplo, é um parceiro estratégico.

O Instituto Bio-Manguinhos oferece uma importante parcela das principais vacinas do PNI. Em 2021, entregou ao programa cerca de 233 milhões de doses de vacinas, buscando garantir à população brasileira acesso gratuito a imunobiológicos.

Na avaliação de Lurdinha Maia, coordenadora da assessoria clínica do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos Bio-Manguinhos/Fiocruz, a interação entre o PNI e o Bio-Manguinhos e a Fiocruz é de extrema importância. "Os institutos têm a competência de produzir e ofertar vacinas ao Sistema Único de Saúde (SUS), é a sustentabilidade do Programa Nacional de Imunizações", afirma. "Hoje nós temos um quantitativo grande de vacinas que é produzido e que dá suporte ao PNI", acrescenta a coordenadora do Programa Nacional de Imunizações entre 1995 e 2005.

De acordo com Lurdinha Maia, ter Bio-Manguinhos como

produtor de vacinas é essencial e necessário para o êxito do PNI. "A oferta de vacinas com qualidade, que passaram pela Anvisa, pelo Instituto Nacional de Controle de Qualidade e que chega a unidades distantes no Brasil é primordial. Ter um programa de imunizações de sucesso requer um instituto, como o Bio-Manguinhos, que oferta as vacinas. Isso é sustentável."

Em concordância com Lurdinha Maia, o vice-presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm), Renato Kfour, destaca a singularidade do Programa. "Hoje, temos 38 mil salas de vacinação no país, todos os estados têm uma central de distribuição de vacina para distribuir para os municípios, para cuidar da logística de transporte, de distribuição e de conservação dessas vacinas", diz. Ele menciona com particularidade a produção nacional de vacinas. "A técnica afirma que, nos primeiros oito meses de governo, já é possível observar uma melhora no cenário das coberturas vacinais que estão sendo retomadas. "Vamos mudar essa curva e aumentar nossa cobertura vacinal. Nesse primeiro momento não vamos chegar na cobertura ideal de

Ed Alves/CB/DA Press



Personagem do Zé Gotinha no desfile de 7 de Setembro em Brasília: muitos aplausos

publicitárias que reforcem a importância da vacinação, até a reestruturação do sistema de informação.

A técnica afirma que, nos primeiros oito meses de governo, já é possível observar uma melhora no cenário das coberturas vacinais que estão sendo retomadas. "Vamos mudar essa curva e aumentar nossa cobertura vacinal. Nesse primeiro momento não vamos chegar na cobertura ideal de

todas as doenças, mas já vamos mudar esse cenário, e o que a gente fez até agora já está nos sinalizando que estamos no caminho certo. Vamos terminar este ano com essa reversão. Acredito que todos os estados estão juntos nesse trabalho de recuperação das coberturas, esse trabalho conjunto entre municípios, estados e governo federal é fundamental", afirma a secretária.

Maciel destaca ainda que a vacinação não é só uma prioridade da pasta no governo Lula. Ela cita que, no eixo de combate à desinformação, o ministério tem trabalhado na recuperação do maior símbolo do Brasil, o personagem Zé Gotinha. "Levamos o Zé Gotinha no carnaval do Rio, depois levamos ele para a parada (LGBTQIA+), então, ele está presente em todos os grandes

Hoje, nós temos um quantitativo grande de vacinas que é produzido e que dá suporte ao PNI"

Lurdinha Maia, coordenadora da assessoria clínica do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos Bio-Manguinhos

eventos. Estamos incentivando os governos estaduais e municipais a utilizarem o Zé Gotinha em todos os eventos, mesmo que não seja de vacinação mas que ele vá. A ideia é que a gente comece a recuperar essa imagem de alegria, de vacinação como símbolo de sucesso, que é o que a gente quer mostrar e dizer que a vacinação protege e salva vidas." (IS)